

Entrevista com Tomaz Tadeu

Myllena Lacerda¹

Universidade Federal de Santa Catarina

Tomaz Tadeu (1968) é doutor em Sociologia da Educação (1984) pela Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, mestre em Educação (1977) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e licenciado em Matemática (1973) pela mesma instituição. É professor aposentado da UFRGS, autor de livros na área de educação e tradutor do inglês e do francês de literatura e ciências humanas. Coordena a coleção Mímo, na Autêntica Editora, composta de “obras clássicas” e “títulos consagrados”². Traduz vastamente a obra de Virginia Woolf no Brasil, totalizando dez títulos da autora até o momento. Recebeu o terceiro lugar na categoria tradução do prêmio Jabuti de 2013 por *Mrs. Dalloway*. Suas publicações na Autêntica incluem, entre outros, James Joyce, Herman Melville, Thomas De Quincey, Paul Valéry, Stéphane Mallarmé e Charles Baudelaire.

A sua carreira de tradutor começou com textos acadêmicos da área de educação. Passou também pela sociologia e filosofia, traduzindo, inclusive, a Ética, de Spinoza, diretamente do latim. Já as primeiras traduções que tendiam para a área literária incluíam Paul Valéry e Baudelaire, e só então a ficção de Virginia Woolf. Como aconteceu essa transição?

Tudo se resume em enganos que se transformaram em acertos. Por engano fui parar, garoto, num seminário católico. Por engano, cursei o segundo grau numa modalidade que, na época, se chamava “científico”, quando deveria ter optado pelo “clássico”. Por engano, cursei Matemática, quando deveria ter ido para a área de Letras. Por engano, fiz o doutorado em Stanford, quando deveria ter ido para Paris (o que, depois compensei, me metendo com Deleuze, Derrida, Foucault e a turma toda). Acertei quando, já metido na área da educação, fui contrabadeando uns subversivos para dentro de um campo acadêmico estagnado e retrógrado. Acertei quando, num evento acadêmico da área

¹ Doutoranda em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC). Mestre em Estudos da Tradução pela Universidade de Brasília (POSTRAD/UnB). E-mail: myrlacerda@gmail.com.

² A coleção pode ser acessada em: <https://grupoautentica.com.br/autentica/colecoes/32>.

educacional, em Caxambu, no final dos anos 80, início dos 90, conheci Rejane Dias, então ainda inventando o que se tornaria uma grande editora, a Autêntica. Por aí, começando pela publicação de livros próprios e de traduções na área de educação, sociologia e filosofia, fui me voltando para a tradução de textos literários, terminando por onde deveria ter começado: a literatura, uma paixão de toda a vida. Antes de me dedicar quase inteiramente à Virginia, traduzi uma coisa ou outra dos franceses, Valéry, Mallarmé, Baudelaire (*O pintor da vida moderna*, mais por causa das pinturas de Constantin Guys), um conto de Scott Fitzgerald e outro de Henry James. Virginia entrou na minha vida por vias francesas (Deleuze e Guattari, em *Mil platôs*) e pela sugestão da Rejane, diretora da Autêntica, que estava atenta à entrada em domínio público, em 2012, das obras de Virginia. Começamos pelo óbvio, *Mrs Dalloway*. O resto se seguiu naturalmente.

Você tem a oportunidade de escolher quais textos vai traduzir? Por que esses e, mais especificamente, por que Virginia Woolf? Há algum título que você tenha interesse, mas que ainda não está nos planos?

Totalmente. Como já disse, começar por *Mrs Dalloway*, foi uma escolha conjunta, da Rejane e minha. Era também “natural” que *Ao Farol* fosse o segundo. No meio fiz duas coletâneas, uma de ensaios, outra de contos. Sim, se ainda tivesse energia, depois de *As ondas*, que terminei, faria *Entre os atos*, mas minha carreira de tradutor termina mesmo com o glorioso *As ondas*. É um final digno.

Desde 2012, você tem traduzido uma parte significativa da obra de Virginia Woolf para a Autêntica e é responsável pelo maior número de traduções da autora no país. Até o momento, já foram dez títulos: *Mrs Dalloway* (2013), *Ao farol* (2013), *O tempo passa* (2013), *Orlando* (2015), *O sol e o peixe – prosa poética* (2015), *Flush* (2016), *A arte da brevidade e outros contos* (2017), *As mulheres devem chorar... ou se unir contra a guerra* (2019), *O quarto de Jacob* (2019) e *Três guinéus* (2019). Existe um projeto de traduzir a obra completa? Sempre houve a intenção de publicar diferentes títulos da autora ou isso foi ocorrido por uma demanda da editora e dos leitores brasileiros?

Como já disse, a escolha dos títulos a traduzir tem sido minha, sempre em acordo com a Rejane, de quem tenho apoio total. Neste ponto, sou um privilegiado. Não traduzo por encomenda, traduzo por prazer e seguindo os meus instintos e preferências. De vez em

quando há uma solicitação, como quando fiz a (décima? décima primeira?) tradução de *Bartleby*, porque o texto deveria acompanhar um livro do Giorgio Agamben (*Bartleby, ou da contingência*) que a Autêntica ia publicar.

Woolf é uma das maiores representantes do modernismo inglês e é reconhecida sobretudo por suas inovações formais e temáticas. Recursos como fluxo de consciência, repetições que criam um ritmo, metáforas e referências culturais podem ser encontrados em vários dos seus romances. Há algum tipo de estratégia tradutória pessoal no que se refere a esses aspectos? Poderia comentar um pouco do seu processo? Como você definiria uma tradução bem sucedida?

Tenho objeções ao uso do conceito de “fluxo de consciência” aplicado à análise de narrativas literárias. Para mim, é um conceito da psicologia, não da teoria da narrativa ou da teoria literária. Já “ritmo” é um conceito essencial. Indefinível. Misterioso. Inapreensível. Mas que existe, disso tenho certeza. E o ritmo é tudo. Sem ritmo, não tem jogo. É preciso traduzir o significado tão precisamente quanto possível. Para isso temos os dicionários e, agora, todos os maravilhosos recursos proporcionados pela internet. Mas em textos literários o que conta é a combinação, a trama, o bordado do significante. A forma, enfim. E isso, tendo em vista não apenas os recursos próprios, exclusivos, de cada língua, mas, sobretudo, as torções, os jogos de mão, os malabarismos, que cada artista da palavra faz com sua língua, é o que mais importa numa tradução. Para isso não é preciso sair, desvairadamente, caçando aliterações, assonâncias, iconismos, para falar dos recursos mais óbvios. Basta entrar em sintonia com a música do original e tentar reproduzi-la na música da sua língua, se é que isso é possível. Para Virginia não é. Falando das traduções dos clássicos russos para o inglês, ela decreta: “O que estamos dizendo significa, pois, que temos julgado toda uma literatura destituída de seu estilo. Quando se mudou cada palavra de uma frase do russo para o inglês, alterou-se, com isso, um pouco o sentido, e completamente o som, o peso e o acento das palavras em sua mútua relação, nada restando a não ser uma versão crua e grosseira do sentido.” (“The Russian Point of View”). Sim, Virginia, neste tribunal sou réu. Confesso. Em suma, não existe tradução bem sucedida. Traduzimos por teimosia.

Para alguns críticos, os grandes três romances de Virginia Woolf são *Mrs. Dalloway* (1925), *To the Lighthouse* (1927) e *The Waves* (1931). Recentemente, a

editora Autêntica anunciou o lançamento de *As ondas*³, o único dos três que você ainda não havia traduzido. Por ser o romance mais experimental de Woolf, chamado pela autora de *play-poem*, essa tradução também foi mais desafiadora que as outras? De que forma o trabalho com *Mrs. Dalloway* e *Ao farol* contribuiu para esta tradução?

Sim, sem nenhuma dúvida, foi a mais desafiadora. De longe. Certamente, uma certa familiaridade com o estilo de Virginia, após ter traduzido tanto coisa dela, ajudou. Mas não muito, porque em *As ondas* ela teve o cuidado de apagar todos os traços que pudessem sugerir uma leitura fácil. Há passagens misteriosas ainda hoje, mesmo para quem tem o inglês como língua materna e conhece bem sua obra. Na tradução ajudou muito ter acesso aos rascunhos do romance reunidos em livro por J. W. Graham, em *Virginia Woolf. The Waves. The two holograph drafts of The Waves and extracts from the Monk's House Papers*. Neles é possível ver os cortes que ela fez para deixar o texto mais enxuto. E misterioso. Ajudou muito o fato de que, por seu caráter experimental e inovador, há uma imensa literatura crítica sobre o livro. Graças à internet, tive acesso a grande parte dela. Não sei como se traduziam livros assim cinquenta ou até mesmo dez anos atrás.

Desde a entrada em domínio público, a obra de Woolf vem sendo constantemente editada. Nestes últimos anos, foram mais de 30 novas traduções, incluindo as suas. O que você acha dessas publicações simultâneas? Para você, a que se deve o crescente interesse pela autora nos últimos anos?

Acho bom que haja esse interesse e essa quantidade de novas traduções. Obviamente, cada tradutor ou tradutora julga que vai fazer uma tradução melhor do que as já existentes. Não sou crítico de tradução (se é que existe tal criatura) para julgar o trabalho alheio. Infelizmente, as análises de traduções literárias se limitam ao campo acadêmico (artigos, teses, etc.). As (poucas) resenhas publicadas nos grandes jornais são, por razões óbvias, limitadas. Na verdade, raramente fazem alguma menção a características da tradução. E talvez seja melhor assim. Sobre o interesse por Virginia, deve-se, creio, a certa aura que paira sobre ela e sua obra, tal como acontece com James Joyce e muitos outros autores e autoras.

³ Disponível em: <https://grupoautentica.com.br/blog/post/virginia-woolf-as-ondas-autentica-editora-nova-traducao/1146>. Acesso em: 20 nov. 2020.

Vários dos seus trabalhos são retraduições. Você lê ou compara as versões anteriores durante o seu trabalho tradutório? Como é a sua relação com esses outros textos?

No caso de minhas traduções de obras da Virginia, as traduções anteriores eram bastante antigas. Obviamente, além da mudança dos padrões tradutórios, os recursos existentes eram bastante precários. Mas, sim, pelo menos faço uma conferência global da tradução existente, em português ou nas línguas que leio (espanhol, italiano, francês). Mas, infelizmente, há um princípio infalível: se é algo complexo e difícil, ninguém deu boa solução. Para resumir, não acompanho passo a passo as traduções existentes, mas confiro, nas que acho mais confiáveis, alguma passagem ou palavra de difícil tradução. No caso de *As ondas*, conferia, de vez em quando, a última tradução francesa (Michel Cusin, Adolphe Haberer) e uma tradução italiana antiga, mas bastante boa (Maura Del Serra). Mas as minhas fontes principais de decifração são as da crítica literária e as teses e dissertações acadêmicas. A cada passagem difícil, consulto o Google pra checar se alguém comentou aquela passagem específica e se, mesmo que o objetivo de quem comentou não seja, obviamente, o meu, o comentário lança alguma luz sobre seu significado. E para cada uma dessas passagens, abro um arquivo com transcrições dos comentários, etc. Tenho 520 arquivos com anotações para *As ondas*. Essas anotações são para me ajudar na tradução e para fazer as notas que costumo colocar no fim do livro. Infelizmente, no caso de *As ondas*, não poderei fazê-las por estar com a mão direita prejudicada por décadas de digitação. E não posso usar o ditado, primeiro, porque os programas de ditado não funcionam direito e, segundo, porque descobri que as frases me saem das pontas dos dedos e não dos lábios.

Uma constante nas suas traduções literárias é a riqueza de paratextos. Como você define o que constará em cada obra? A intenção de fazer os prefácios, posfácios, apresentações ou notas já está presente desde o início, como parte de um projeto tradutório pessoal e geral, ou essa decisão partiu da editora?

Sim, tenho feito isso com todas as traduções da Virginia, por escolha minha, mas com todo o apoio da Autêntica. Na verdade não uso prefácios, mas posfácios. A regra é que nada deve vir antes do texto central. E também acho que notas explicativas em rodapé, no caso de obras literárias, deveriam ser proibidas. Sim, a estrutura dos livros com as

traduções de Virginia segue sempre este mesmo padrão que, infelizmente, será interrompido com *As ondas*, por falha dos dedos “falantes”.